

A caridade social, motor do desenvolvimento

No passado dia 5 de outubro, Mons. Javier Echevarría, prelado do Opus Dei, pronunciou uma conferência por ocasião do décimo aniversário da Harambee, associação internacional para a cooperação e o desenvolvimento em África. A Harambee surgiu aquando da canonização de S. Josemaria Escrivá de Balaguer, fundador do Opus Dei. Implementou até agora 39 projetos em 17 países africanos. Estas iniciativas têm o objetivo comum de melhorar a qualidade do ensino e contribuir para facilitar o acesso à formação humana e profissional. Também se realizaram atividades de sensibilização no resto do mundo, difundindo os valores, as qualidades e as possibilidades de futuro do continente africano. Oferecemos um extrato das palavras de Mons. Echevarría.

S. Josemaria pregava que “um homem ou uma sociedade que não reaja perante as provações ou as injustiças, e que não se esforce por aliviá-las, não é um homem ou uma sociedade à medida do amor do Coração de Cristo” (S. Josemaria, “Es Cristo que pasa”, n. 167).

Como recordou Bento XVI no início da sua primeira encíclica: “Deus é amor, e quem permanece no amor, permanece em Deus e Deus nele” (1 Jn 4, 16). Estas palavras da “Primeira carta de São João” expressam com clareza meridiana o coração da fé cristã: a imagem cristã de Deus e também a consequente imagem do homem e do seu caminho” (Bento XVI, Enc. “Deus caritas est”, n. 1).

A caridade, o amor vivido com retidão, não só é o centro da vida cristã como, também, da existência humana *tout court*. Com efeito, “pelo facto de Deus ser amor e de o homem ser a sua imagem, compreendemos a identidade profunda da pessoa, a sua vocação para o amor. O homem é feito para amar; a sua vida realiza-se plenamente apenas se for vivida no amor” (Bento XVI, Mensagem ao X Fórum Internacional dos Jovens, 24.3.2010).

A caridade, o serviço, a entrega ao próximo expressam, portanto, a vocação fundamental e inata da pessoa; esta desenvolve-se querendo e sendo querida.

Deve igualmente sublinhar-se que não existe um verdadeiro amor ao próximo se não se amar a Deus. Esta interação entre o amor a Deus e o amor ao próximo, ensinada e vivida desde o início do cristianismo, foi sublinhada na encíclica “Deus caritas est”: “Se na minha vida falta o contacto com Deus, poderei ver sempre no próximo apenas o outro, sem conseguir reconhecer nele a imagem divina. Pelo contrário, se na minha vida esqueço de todo a atenção para com o outro, querendo ser só ‘piedoso’ e cumprir com os meus ‘deveres religiosos’, enfraquece-se também a relação com Deus” (Bento XVI, Enc. “Deus caritas est”, n. 18).

Colocar o coração na vida social

O facto de o comportamento das criaturas ser plenamente humano quando nasce do amor é uma realidade que “vale também no âmbito social: é necessário que os cristãos sejam testemunhas profundamente convencidas e [o] saibam mostrar, com as suas vidas” (“Compêndio da doutrina social da Igreja”, n. 580). Por isso, a caridade, o serviço, deve estar presente e penetrar todas as relações humanas: “Não é só o princípio das micro relações, como nas amizades, na família, no pequeno grupo, como também – afirma Bento XVI – das macro relações, como nas relações sociais, económicas e políticas” (Bento XVI, Enc. “Caritas in veritate”, n. 2). Devemos persuadir-nos, e procurar persuadir os outros, de que a sociedade não se constitui primariamente com os vínculos contratuais e utilitários, mas com os vínculos mais profundamente humanos presididos pelo amor: um princípio, portanto, que se ergue igualmente como um critério primário para o desenvolvimento da sociedade, e deve considerar-se como a alma de toda a ordem social.

Daí a exigência, que afeta todos os componentes da sociedade –em primeiro lugar, os cristãos e a própria comunidade eclesial –, de se esforçarem por amar, com obras e de verdade, o próximo, não só nas “relações próximas” (por exemplo, na família), mas com um amor que abarque ordenadamente até os mais afastados. Se queremos construir uma sociedade mais humana, mais digna da pessoa, é necessário realçar a importância que cabe à caridade social, para que esta inspire, purifique e enalteça todos os laços humanos, políticos, económicos, etc. Em resumo, o critério

primário para o progresso de todos e para o avanço social é o preceito do amor.

Caridade não é simples filantropia

A exigência de anunciar o Deus-Amor revela que, também na esfera social, o empenho de caridade não pode ser considerado como algo bom, mas secundário; constitui, sim, uma parte substancial da missão da Igreja e de cada cristão. Por isso, a organização eclesial da caridade iniciou-se com o primeiro passo da própria Igreja e, a seguir, com diversas modalidades, prolongou -se e prolongar-se-á ao longo de toda a história.

Promover a caridade social tem a ver, por conseguinte, com todos, como tarefa necessária no plano individual, no associativo e também no eclesial. Nesta lógica, S. Josemaria ensinava que “os cristãos – conservando sempre a mais ampla liberdade no momento de estudar e de levar à prática as diversas soluções e, portanto, no quadro de um lógico pluralismo – têm de coincidir no idêntico afã de servir a humanidade. De outro modo, o seu cristianismo não será a Palavra e a Vida de Jesus: será um disfarce, um engano para com Deus e para com os homens” (S. Josemaria, “Es Cristo que passa”, n. 16).

A caridade – que é amor – deve abarcar na mesma criatura a sua integridade, corporal e espiritual: “Os homens têm necessidade do pão da terra que sustente as suas vidas e, também, do pão do céu que ilumine e dê calor aos seus corações” (*Ibid*, n. 49). Uma carência perentória exige urgentemente a doação de ajudas materiais em tantos momentos específicos, mas nunca se devem esquecer as ajudas espirituais: a caridade deve colocar perante os olhos, de algum modo, o amor a Deus. A atividade caritativa cristã tem de ter uma peculiaridade específica, que não se pode perder, nem diluir-se, numa filantropia puramente humana, boa mas insuficiente para cumprir a missão que Cristo nos encomendou.

Estruturas e pessoas

Para não nos ficarmos por uma quimera estéril, é preciso evidenciar que o amor social exige a sua institucionalização: “Em muitos aspetos, o próximo que temos de amar apresenta-se ‘em sociedade’ (...). A obra de misericórdia com a qual respondemos agora a uma necessidade real e urgente do próximo é, inegavelmente, um ato de caridade; mas é um ato de caridade também indispensável o esforço para *organizar e estruturar a sociedade* de modo que o próximo não tenha de padecer a miséria” (“Compêndio da doutrina social da Igreja”, n. 208).

Sublinhe-se que, embora sejam necessárias as estruturas sociais, a sua finalidade não é substituir o amor entre as pessoas, porque a dignidade humana torna-se compatível somente com o amor, e não simplesmente com o que é justo, razoável, etc. Além disso, “a afirmação segundo a qual as estruturas justas tornariam supérfluas as obras de caridade, esconde uma conceção materialista do homem” [Bento XVI, Enc. “Deus caritas est”, n. 28 b)]. Por isso, as instituições e as leis não bastam para edificar uma sociedade digna da pessoa humana; exige-se também a caridade pessoal como base firme da vida social.

O que referimos aplica-se a qualquer situação social mas, nesse sentido, é necessário atuar especialmente em relação aos grupos sociais mais vulneráveis; isto é, colocar em prática o amor preferencial pelos pobres, na sua dimensão social e planetária, promovendo formas de cooperação para o desenvolvimento que superem as divisões religiosas, raciais, ideológicas, territoriais, etc. S. Josemaria dizia que “o Opus Dei [tem de estar presente] onde haja pobreza, falta de trabalho, tristeza, dor, para que a dor se possa viver com alegria, para que a pobreza desapareça, para que não falte trabalho – pois formamos as pessoas de maneira que o possam ter –, para que introduzamos a Cristo na vida de cada um, na medida em que o quiser, porque somos muito amigos da liberdade” (S. Josemaria, palavras pronunciadas a 1.10.1967, em “Una mirada hacia el futuro desde el corazón de Vallecas”, Madrid 1998, p. 135).

África sem estereótipos

Como tudo o que se refere à vida cristã, também os critérios indicados, não se reduzem a uma bonita teoria para pregar, constituindo um estímulo para atuar eficazmente em prol do desenvolvimento integral dos homens, sem exclusões. Este desenvolvimento deverá considerar-se uma meta que não admite desculpas, que exige um esforço – programado, responsável e regulado – que todos – cada um no seu lugar na Igreja e na sociedade civil – somos chamados a realizar. Para o alcançar, talvez devamos contribuir para que mudem os estilos de vida, as estruturas de poder que governam a sociedade, os modelos de produção e de consumo, orientando-os de acordo com uma correta compreensão do bem comum de toda a humanidade.

Como as iniciativas da Harambee se dirigem a África, mencionaria Bento XVI na exortação apostólica “Africae munus”, de 19 de novembro: “A consciência humana é interpelada pelas graves injustiças do nosso mundo em geral, e de África em particular” (Bento XVI, Exort. ap. “Africae munus”, n. 24).

A Harambee nasceu aquando da canonização de S. Josemaria. Dou graças a Deus pelos numerosos projetos educativos implementados na África subsariana na última década, e pelas numerosas atividades que promoveram no

mundo, para difundir também uma visão de África afastada dos estereótipos: neste continente concentram-se algumas das injustiças que não podem deixar ninguém indiferente; mas África é também terra de valores espirituais muito importantes para a nossa época.

(com autorização de www.aceprensa.pt)

A ascensão da mulher leva o homem a dedicar-se mais à casa

A julgar pelo tom de alguns livros sobre o homem de hoje, dá a impressão de que Mr. Marlboro se converteu em Mr. Inútil. Que o modelo de macho cheio de testosterona deu lugar a um homem frouxo e sem inquietações. No entanto, algumas estatísticas revelam um sinal positivo da nova masculinidade: o maior envolvimento dos pais na criação dos filhos.

Ultimamente, publicaram-se nos EUA alguns livros de mulheres que lamentam a situação dos homens. Se antes se queixavam da dominação, agora é da falta de carácter.

Adolescência prolongada

No seu livro “I Don't Care About Your Band” (2010), a humorista e escritora Julie Klausner protesta contra os homens que prolongam a adolescência: “A ideia de uma noite perfeita para estes indivíduos é uma partida de PlayStation com os seus colegas, ou uma viagemzinha a Las Vegas... Parecem-se mais com as crianças de que nos ocupávamos quando fazíamos de canguru, do que com os pais que nos levavam a casa”.

E Kay S. Hymowitz, autora do livro “Manning Up: How the Rise of Women Has Turned Men Into Boys” (2011), completa o retrato com alguns parágrafos cheios de dinamite: “Hoje, a maioria dos homens na casa dos vinte, vive distraída numa espécie de limbo, um estado intermédio entre a adolescência semi-hormonal e os deveres próprios da maturidade. (...) Já está na hora de dizer o que se converteu em óbvio para legiões de juvenzinhas frustradas: [que esta nova etapa] não retira dos homens o melhor que eles podem dar”.

“Relativamente acomodados, livres de responsabilidades familiares, e entretidos com um desenvolvimento de meios de comunicação voltados para o seu inteiro prazer, os jovens solteiros podem viver num mundo feliz. (...) Por que deveriam amadurecer? De qualquer forma, ninguém precisa deles. Não existe nada que possam fazer. Podem perfeitamente ir tomar

outra cerveja” (cfr. “Where Have the Good Men Gone?”, “Wall Street Journal”, 19.2.2011).

Estes dois testemunhos não são muito lisonjeiros para o homem de hoje. Recordam o título do relato de Flannery O'Connor “Um bom homem é difícil de encontrar”. Será possível que muitos homens, considerados antes os transmissores de normas e padrões de comportamentos na família, se tenham convertido agora em eternos adolescentes perdidos na sua própria insegurança?

Eva toma conta

Num livro recém-publicado, “The End of Men: and the Rise of Women”, a jornalista Hanna Rosin avança alguns dados – sobretudo dos EUA – que mostram a ascensão económica das mulheres em face da estagnação dos homens.

Desde o início de 2010, elas ocupam agora 51,4% dos cargos profissionais e administrativos do país, enquanto que, em 1980, essa percentagem se situava nos 26%.

Para a alteração contribuiu, entre outros fatores, a crise económica, que golpeou duramente setores profissionais dominados por homens (a construção civil, a indústria de manufatura e as finanças, sobretudo). Dos 7,5 milhões de empregos perdidos desde que começou a crise, 3 em cada 4 pertenciam a homens.

As mulheres também começaram a ganhar mais. Em 1970, contribuíam com entre 2% e 6% dos rendimentos familiares, enquanto que, agora, uma mãe que trabalha fora de casa costuma contribuir, em média, com 42,2%. Além disso, 4 em cada 10 mães – na sua maioria solteiras – são elas a sustentar a família.

As perspectivas de futuro não são muito encorajadoras para os homens. Nas 15 profissões das quais se espera a criação de mais postos de trabalho nos EUA até 2016, 12 são dominadas por mulheres: vendas, ensino, contabilidade, cuidados com crianças e idosos, serviços de atendimento ao cliente...

A educação é outro indicador eloquente. Entre norte-americanos dos 25 aos 34 anos, 34% das mulheres terminaram o ensino secundário, contra 27% dos homens. Além disso, 60% dos títulos universitários são obtidos por mulheres.

Homens e mulheres perante a crise de emprego

Para Rosin, a chegada desta nova era de progresso para as mulheres tem a ver com a moderna economia do

conhecimento, que favorece “a inteligência social, a comunicação aberta e a capacidade de prestar atenção”, mais do que a força física, “qualidades que tendem a encontrar-se mais facilmente nas mulheres”. Daí que, pela primeira vez na história, a economia global pareça mais apta para as mulheres do que para os homens.

Num resumo ao livro de Hanna Rosin, a revista “The Economist” (8.9.2012), questiona várias das suas conclusões. Entre outras coisas, salienta que não era a primeira vez na história dos EUA que uma crise económica tinha levado autoras feministas a invocar uma suposta erosão no ideal da masculinidade: antes dela, fê-lo a sua admirada Susan Faludi, aquando da crise económica do início dos anos 90.

“Se Rosin tivesse esperado para escrever o seu livro mais alguns anos, talvez visse que os empregos femininos seguiam o mesmo caminho que os masculinos. As perturbações económicas que surgiram em setores dominados por homens, como a construção civil e as finanças, começam a notar-se em setores de maioria feminina, agora que os governos fazem cortes no setor dos serviços, no professorado e em outros similares. A verdadeira história sobre os homens e as mulheres vamos conhecê-la quando soubermos como esta crise afetará ambos os sexos e as futuras gerações”.

Candidatos inadequados

Que as mulheres se estão a converter no primeiro sexo nota-se também, diz Rosin, no seu novo estatuto no casamento. “Ao longo da história, o sinal da mulher invejável foi a sua capacidade para assegurar um bom partido através da sua beleza, da sua inteligência ou da sua arte para seduzir. Depois da época dos direitos civis (...), as mulheres começaram a casar-se com homens de iguais rendimentos e educação. Mas esse feliz equilíbrio parece estar a desvanecer-se (...): as mulheres começaram a casar -se a um nível que se situa abaixo do anterior”.

“E estão a fazê-lo sobretudo por necessidade. Em todos os continentes, excetuando em África, é mais provável encontrar mulheres do que homens com título universitário. Isto significa que no final dos vinte ou dos trinta anos, quando a maioria das pessoas tende a casar-se, as possibilidades de ganhar mais serão melhores para as mulheres. Assim, não lhes resta outro remédio a não ser casar com alguém que, num romance de Jane Austen, teria sido declarado um candidato inadequado”.

Rosin ilustra esta tendência com exemplos variados. É o caso de Lori, uma advogada que ganha meio milhão de dólares por ano. Cansou-se de se dar com indivíduos que a encaravam como rival profissional, e acabou por se casar com um maquinista. “Querida um homem que não estivesse a falar do seu trabalho o dia todo, que preferisse sair para passear em bicicleta pela praia”.

Mas também há casos em que a tensão está assegurada. Beverly, uma executiva de Washington D.C., adverte que “as mulheres deveriam ter muito cuidado para não se casarem com esses parasitas aproveitadores que lhes chupam o sangue”. Michelle, advogada em Los Alamos, receia “casar-se com homens que a encarem como uma esposa desejável somente por ganhar muito, ou por ter um bom trabalho”. Verifica-se que esta prevenção – antes tão masculina – foi assumida pelas mulheres.

Na análise de Rosin sobre a vida familiar pesam demasiado os fatores económicos. A isto deve juntar-se uma visão do casamento em termos de relações de poder e um maniqueísmo que a leva a distinguir entre “o homem de cartão” (por definição, rígido e incapaz de se adaptar à mudança) e “a mulher de plástico” (novamente, por definição, muito mais flexível e aberta, como solicita a nova economia do conhecimento).

A historiadora Jennifer Homans critica, no “The New York Times” (13.9.2012), a visão sobre homens e mulheres que Rosin transmite no seu livro: “Sabemos desde há algum tempo que os homens não são os únicos que podem ser rígidos, hierárquicos, com mentes fechadas ou autoritários. Mas, neste livro, as mulheres aparecem quase sempre como empreendedoras organizadas, enquanto os homens surgem como pessoas imprecisas, sem ambições e viciadas em televisão”.

Pais mais envolvidos

O modelo de Mr. Inútil não se enquadra com o maior envolvimento dos pais na criação dos filhos que se tem vindo a observar nos EUA desde há alguns anos. “Qualquer observador ocasional da vida familiar norte-americana sabe que agora os pais estão a levar os seus filhos mais do que nunca às consultas dos médicos, que os ajudam mais com os seus deveres escolares e que brincam mais tempo com eles”, escreve Susan Gregory Thomas num artigo que teve muito eco há alguns meses (cfr. “Are Dads the New Moms?”, “The Wall Street Journal”, 11.5.2012).

Um relatório recente do Departamento do Censo dos EUA, revela que 32% dos pais com mulheres a trabalhar fora de casa, se ocupam agora habitualmente dos seus filhos menores de 15 anos, enquanto que, em 2002, esse número era de 26%.

Seja pela influência do movimento feminista dos anos 70, seja porque experimentaram na própria carne os custos sociais da era do “pai ausente”, diz Thomas, a verdade é que os pais de hoje estão dispostos a envolver-se ativamente na vida quotidiana dos seus filhos.

A partir de uma análise da “National Survey of Family Growth” (2006-2008) baseada em entrevistas a 13.495 adultos norte-americanos, o Pew Research Center calcula que 98% dos pais

casados que vivem com os seus filhos menores de 5 anos brincam com eles várias vezes por semana. Com a mesma frequência, 95% comem com eles ou dão-lhes de comer; 89% ajudam a dar-lhes banho e a vesti-los; 60% leem-lhes algum conto (cfr. “A Tale of Two Fathers”, 2011).

Entre os pais casados que vivem com os seus filhos de entre 5 e 18 anos, 93% falam com eles dos seus assuntos várias vezes por semana; também com essa frequência, 63% ajudam os seus filhos com os deveres escolares; 54% levam-nos a atividades lúdicas ou desportivas.

Os pais não só passaram a dar mais tempo aos filhos, também mudaram a sua relação com eles, diz Aaron Rochlen, professor de psicologia da Universidade do Texas, numa reportagem da revista “Time” (4.10.2007). São mais afetuosos, abraçam-nos, dizem que gostam deles... Muitos pais desafiam o cliché do macho incapaz de expressar as suas emoções.

“Tradicionalmente, a masculinidade associou-se ao trabalho. E este ao sucesso, à competitividade, ao poder, ao prestígio, ao domínio sobre a mulher, a uma afetividade pobre”, refere Rochlen. “Mas, um bom pai necessita de ser expressivo, paciente, emotivo, não pode ser só guiado pelos assuntos económicos”.

O próprio Rochlen fez a sua descoberta pessoal deste novo estilo mais afetuoso de exercer a paternidade. Casado e pai de duas filhas de 5 e 3 anos, antes limitava-se a ver os seus jogos e a “fazer de condutor numa ida ao jardim zoológico nalgum raro fim de semana”. Até que começou a envolver-se profundamente nas suas vidas.

Aí descobriu que “sim, isso significava ajudar nos deveres escolares, nos seus banhos e na cozinha mas, sobretudo, tinha a ver com escutar diariamente as suas batalhas e os seus triunfos. Vi como se desenvolviam as suas personalidades; como despoletava a sua criatividade e como se abria a sua mente para solucionar problemas e dar respostas a perguntas”.

J. M.